

VIAGEM NA BELLE ÉPOQUE: OS PORTUGUESES E O ESTRANGEIRO

MARIA JOÃO CASTRO

mariajoacastro@fcsb.unl.pt

Doutorada em História da Arte Contemporânea e investigadora integrada do Centro de Humanidades (CHAM) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA/FCSH, Portugal), centra os seus domínios de especialização na História da Cultura Contemporânea, infletindo na ligação da Arte com o Poder quer em relação à Viagem e aos Estudos (Pós-)Coloniais, quer no que concerne ao Turismo. É pós-doc com bolsa da FCT no projeto intitulado "ArTravel. Viagem e Arte Colonial na Cultura Contemporânea".

Resumo

O grande movimento de viagem de lazer ocorrido no século XIX chegou tarde a Portugal, muito por influência das vicissitudes geopolíticas da primeira metade de Oitocentos e de que se destaca as invasões francesas e o conseqüente refúgio da corte portuguesa para o Brasil, bem como a guerra civil liberal subsequente. Nesta atmosfera cambiante, a dimensão do estrangeiro tornou-se, para os nacionais, num imperativo mais desejado e cantado do que vivido, pelo que, só quase no fim do século, se reuniam as condições necessárias para alguns portugueses fazerem as malas e partirem além-fronteiras. Daí os seus testemunhos (literários, artísticos) constituírem registos preciosos de um tempo icónico: a *Belle Époque*. Este artigo propõe uma reflexão transversal assente no legado deixado por alguns dos portugueses viajantes entre o final de século XIX e o início do século XX cruzando um fenómeno transversal à sociedade ocidental em mutação numa consideração da viagem como elemento de modernidade. Nesse sentido, e reunindo um conjunto de nomes da cultura portuguesa que experienciaram a saída para o estrangeiro, pretende-se perspetivar uma temática de mundividência autoral herdeira da viagem da Expansão Portuguesa cuja genealogia moldou o globo a uma escala planetária e de que o século XXI é herdeiro.

Palavras-chave

Fin-de-siècle, Turismo, Exotismo, Colonialismo, Relatos, Pintura

Abstract

The great leisure travel movement that occurred in the 19th century came late to Portugal, largely due to the influence of the geo-political vicissitudes of the first half of the 19th century, particularly the French invasions and the consequent refuge of the Portuguese court to Brazil, as well as the subsequent liberal civil war. In this changing atmosphere, the foreign dimension became, for Portuguese nationals, an imperative that was more desired and sung about than experienced, so that it was only towards the end of the century that the necessary conditions were met for some Portuguese to pack their bags and set off across borders. Hence, their testimonies (literary and artistic) are precious records of an iconic time: the *Belle Époque*. This article proposes a transversal reflection based on the legacy left by some of the Portuguese travellers between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, crossing a phenomenon that is transversal to western society in mutation in a consideration of travel as an element of modernity. In this sense, and bringing together a set of names of Portuguese culture who experienced the journey abroad, it is intended to perspective a thematic of authorial worldview heir to the journey of the Portuguese Expansion whose genealogy shaped the globe on a planetary scale and which the twenty-first century is heir to.

Keywords

Fin-de-siècle; Tourism; Exoticism; Colonialism; Reports; Painting



Como citar este artigo

Castro, Maria João (2022). Viagem na *Belle Époque*: os portugueses e o estrangeiro. *Janus.net, e-journal of international relations*, Vol13 N2, Novembro 2022-Abril 2023. Consultado [em linha] em data da última consulta, <https://doi.org/10.26619/1647-7251.13.2.14>

Artigo recebido em 22 de Fevereiro de 2022, aceite para publicação em 09 de Março de 2022





VIAGEM NA BELLE ÉPOQUE: OS PORTUGUESES E O ESTRANGEIRO¹

MARIA JOÃO CASTRO

1. Enquadramento histórico

*Todos os retratos que são pintados com sentimento
são retratos do artista e não do modelo.
Este (o modelo) é apenas o acaso, a ocasião.
Não é ele que o pintor revela;
é antes o pintor que, na tela, se revela a si próprio.*

Basil Hallward em *Dorian Gray* de Oscar Wilde

Sabe-se que variadíssimos estrangeiros visitaram Portugal desde finais do século XVIII: William Beckford (1787-9), James Murphy (1789-90) ou Carl Ruders (1798-1802). Com as invasões francesas dá-se um hiato no fluxo de viajantes europeus para Portugal, condição só superada após o respetivo restabelecimento das relações diplomáticas e de que são exemplos as visitas de Heinrich Link (1808), Lord Byron (1809), Dora Wordsworth (1846) e, mais tarde, Catherine Hannah Jackson (1873) ou Maria Rattazzi (1876). Contudo, sabe-se menos do curso inverso, ou seja, dos portugueses que fizeram a viagem para o estrangeiro visitando e experienciando uma Europa e um mundo frequentemente díspar da realidade portuguesa.

Sabe-se também que, contrariamente ao viajante diletante do *Grand Tour*², o viajante romântico procurou privilegiar e obter uma experiência interior decisiva, consubstanciada na procura do outro, do desconhecido e do diferente e não tanto nas culturas herdeiras

¹ Agradecimentos a: Arquivo Municipal de Lisboa; Arquivo Nacional Torre do Tombo; Biblioteca Nacional de Portugal; Museu Carlos Machado, Ponta Delgada, S. Miguel, Açores; Museu Nacional Soares dos Reis, Porto

² Movimento iniciado nos finais do século XVII (e plenamente experienciado durante os séculos XVIII e XIX), consistiu numa viagem final de educação, de complemento e confirmação prático-visual das matérias instruídas a nível académico. Feita inicialmente por jovens aristocratas ingleses (*"gentry"*) e depois difundida pela classe média burguesa saída da Revolução Industrial, tinha como destino a Europa (continental) e o seu legado de Antiguidade Clássica, daí incidir em destinos como a Itália e a Grécia alargando-se depois aos demais centros culturais europeus, como Paris. O seu carácter, primeiro avulso (século XVIII) depois de forma sistemática (século XIX), fez com que se tornasse numa prática e numa moda repetida e plasmada em distintos registos escritos e imagéticos, frequentemente acompanhados de desenhos e em seguida da fotografia.



da Antiguidade Clássica e do Renascimento. Era toda uma nova sensibilidade adquirida, um novo despertar idealizado a partir de uma origem tripartida:

- a) O progresso técnico saído da Revolução Industrial que as exposições universais difundiam;
- b) Uma "era" imperial europeia a promover a exploração das suas possessões d'além-mar;
- c) Uma literatura e pintura que mostrava pela primeira vez, destinos longínquos e exóticos instituindo, entre outras, a moda do Orientalismo.³

Se a primeira provocou uma melhoria nos meios de transporte e estruturas de acolhimento locais, a segunda fez com que uma elite metropolitana mergulhasse no universo colonial ao passo que a terceira estimulou o desejo de empreender a viagem por pura fruição e experimentação de um universo ainda mítico e ignoto. É neste tempo único que se assiste não só a uma proliferação de viagens científicas (especialmente de naturalistas), como de expedições com carácter exploratório saídas da Conferência de Berlim de 1884-85 e da consequente "Partilha de África" (como foi o caso de David Livingstone ou dos portugueses *Hermenegildo Capelo*, *Roberto Ivens* e *Serpa Pinto*). Recorrentemente, este tipo de deslocações incorporou nas suas comitivas artistas e escritores que, no regresso, produziram obras que permitiam visualizar, pela primeira vez, essas terras imaginadas na multissecularidade europeia. E foi assim que a imagem do "outro" se foi construindo e estruturando desenvolvendo-se numa fase posterior com a experimentação efetiva desses destinos por parte primeiro por uma elite de aristocratas (diplomatas, etc.) depois secundada pela nova burguesia saída da Revolução Industrial (que dispunha agora de tempo e dinheiro e ansiava imitar a elite nobre) e, já no século XX, reiterada pela população assalariada e de que o turismo de massas é herdeiro.

Verdadeiramente, a dinâmica do culto da evasão nos finais do século XIX e primórdios do XX fez com que as práticas de um eu que olha o "outro" implicassem a construção de uma alteridade e identidade próprias daí as suas consequências terem sido frequentemente desiguais mas não de somenos importância.

Por outro lado, as inovações tecnológicas inspiraram novas perceções da realidade que cada nação cristalizou à sua maneira numa história a várias velocidades. No que diz respeito aos viandantes portugueses da *Belle Époque* – período balizado entre o último quartel do século XIX e a eclosão da Primeira Guerra Mundial – estes seguiram os seus congéneres europeus na procura de uma mundividência externa se bem que numa prática pouco frequente e inconsequente.

Numa altura em que a viagem ainda não era ligeira e acarretava consigo mais desconforto e imprevistos do suposto à partida, um conjunto raro de intrépidos portugueses propôs-se a fazer da deslocação ao estrangeiro um marco nas suas vidas, trespassando para a sociedade e cultura os ecos e derivas de tal empreendimento.

³ Note-se que o Oriente Oitocentista compreendia todos os territórios que não fossem a Europa conhecida de então: África, Levante, Médio e Extremo Oriente, assim como as culturas da América.



2. Metodologia

De acordo com Onfray (2009), o estudo da viagem contemporânea pode ser melhor compreendido e perspectivado se agrupado em núcleos sociais e/ou profissionais, uma vez que essa estruturação oferece uma maior perceção das características e derivas tentaculares de cada um.

Neste contexto, e por necessidade de delimitação da pesquisa, o presente capítulo circunscreve-se a uma amostragem de categorias sociais/profissionais que se consideraram significativas tendo em conta um maior impacto na sociedade portuguesa da época. Esta abordagem parcial não deixa de contemplar uma perspectiva integrada e um olhar abrangente da dinâmica viandante nacional além-fronteira, perfazendo um quadro cujas componentes se articulam entre si. A justificação de tal escolha assenta no facto de a estratificação social europeia vigente durante a *Belle Époque* ter permitido condensar em cada classe, as suas aspirações, concretizações e derivas que a definiu sendo um espelho de uma mundividência cujas particularidades caracterizam as sociedades onde se inserem. Ora a portuguesa não foi exceção e, ainda que pouco regular, as suas deslocações ao estrangeiro revestiram-se de singularidades significativas que interessa revelar.

Outro aspeto central da metodologia utilizada no presente estudo é o de se encontrar balizado numa cronologia transversal europeia, ou seja, de relação com os territórios europeus mais próximos tendo em conta a geopolítica à época, nomeadamente no que concerne aos impérios ultramarinos do Velho Continente e à visita das suas colónias de além-mar.

A última parte do artigo avança com algumas reflexões e considerações perspectivando a relevância e impacto das viagens nacionais ao estrangeiro durante o período estudado correlacionando a vivência nacional com a internacional.

3. Corpus

Monarquia

Começando pelo topo da hierarquia social – a corte – a viagem em 1903 da rainha D. Amélia ao Egito foi um catalisador para que uma certa aristocracia lhe seguisse no enalço (nobre e militar) tendo sido posteriormente alargada ao universo cultural-artístico da sociedade intelectual de então (escritores e artistas). A partir do *Álbum* fotográfico⁴ da viagem da rainha pode-se ter uma noção precisa não só do itinerário régio como auferir das relações entre Ocidente/Oriente, arqueologia e colonialismo, constituindo um testemunho singular da viagem enquanto fenómeno cultural e elitista

⁴ O álbum documenta a viagem realizada pela rainha D. Amélia, o Príncipe D. Luís e o Infante D. Manuel, entre 28 de Fevereiro e 28 de Abril de 1903. O itinerário tinha como destino final o Cairo, com passagem por alguns dos principais portos do Mediterrâneo como Cádiz, Gibraltar, Argélia, Túnis, Malta e Alexandria. Na viagem de regresso, o iate aportou em Nápoles e Capri, para uma visita às ruínas de Pompeia. O álbum é constituído, na sua maioria, por fotografias tiradas pelo Príncipe D. Luís, pelo pintor Casanova e ainda pelo Infante D. Manuel. Organizado de forma cronológica e geográfica, o documento apresenta um total 236 fotografias, que foram criteriosamente montadas e distribuídas por 36 páginas, acompanhadas de legendas manuscritas pela rainha, que identificam os registos e os autores dos mesmos.



de domínio imperial. Acima de tudo, esta deslocação a terras de faraós funcionou como elemento de divulgação e disseminação de estereótipos acerca do Oriente, sendo parte integrante e colaborativa na instauração dum conceito ocidental de Orientalismo, que a teoria e crítica histórica contemporâneas têm vindo a dissecar, como é o caso da obra de Edward Said. Desde as invasões napoleónicas de 1798, as ruínas do Egito era marco e símbolo de um culto romântico do belo enquanto decadência. É por isso evidente, quando analisamos o álbum da família real, que os pontos de interesse das ruínas arqueológicas egípcias correspondam a um itinerário que obedecia aos desenvolvimentos das escavações e à sua divulgação no Ocidente, o que era determinante para o modo como aquela civilização era entendida e observada. De modo a capitalizar a viagem de lazer em proveito nacional, a família reinante adquiriu e trouxe para Portugal um conjunto de cerca de 200 peças de antiguidades egípcias, que seriam integradas em 1910 no acervo do Museu Nacional de Arqueologia, cumprindo a tradição das monarquias europeias de trazer para casa relíquias de civilizações “perdidas” e subjugadas. Num certo sentido, e dentro do ecletismo de transição do século, esta visita não visou só a fruição e experiência cultural mas teve uma forte componente colonial e económica de dominação política.⁵

Imagem 1 - Rainha D. Amélia e comitiva no Egito, 1903. Álbum Fotográfico



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal

⁵ Convém referir duas viagens régias, antes e depois da viagem de D. Amélia, ainda que uma tenha tido um carácter militar e outra colonial. A primeira, anterior, foi a de D. Afonso Henriques de Bragança (1865-1920) à Índia portuguesa, em 1895, e deveu-se a objetivos militares pelo que constitui uma deslocação com um carácter distinto da que aqui se pretende retratar. Outra, a de D. Luís a África (1887-1908) tem uma índole particular uma vez que foi a única de um futuro monarca português às províncias do império ultramarino. O efémero sucessor do rei D. Carlos I (1863-1908) embarcou em 1907 no navio *África* para uma viagem de estudo e conhecimento dos territórios d'além mar. Foi o primeiro príncipe a visitar as colónias africanas tendo como objetivo a legitimação nacional dos territórios portugueses da África Oriental e Ocidental. Isso significa que, para além de uma viagem de estudo e de compreensão, esta tinha o propósito de consagrar o esforço colonizador português e de mostrar ao futuro rei a importância, a riqueza material e moral dos territórios ultramarinos e das gentes que lá viviam.



Outras viagens régias houve – antes e depois desta de D. Amélia – mas nenhuma para um destino extraeuropeu.⁶ Aliás, estava programada uma viagem do seu marido, o rei D. Carlos, em março de 1908 ao Brasil que o regicídio de 1 de fevereiro impossibilitou.

Fora do espaço geográfico português, mas ainda relativo à monarquia portuguesa há a mencionar as viagens de D. Pedro II, imperador do Brasil (1825-1891) em 1876 aos Estados Unidos, Europa e Médio Oriente. Nos diários desta viagem, e após atravessar o Atlântico, o autor refere a sua visita a vários países do Velho Continente, Egito, Líbano, Síria e Palestina. Note-se que D. Pedro II havia já feito uma viagem à Europa e ao Egito em 1871, mas dela não se encontraram crónicas pessoais.

Militares

Numa vertente militar destaca-se a figura de Francisco Afonso Chaves. Naturalista açoriano, Chaves (1857-1926) teve um papel fulcral no desenvolvimento científico, sobretudo na biologia, geologia, geofísica, vulcanologia, sismologia, e meteorologia, mas as suas viagens repercutem muito mais do que o mero conhecimento académico. Efetivamente, Chaves manteve um vasto interesse por outras áreas temáticas que concretizou em viagens de trabalho que perfazem um álbum não só científico, mas que inclui instantâneos de lugares num puro deleite pelas formas do mundo. Dito de outro modo: Francisco Afonso Chaves combina a curiosidade do cientista com a sensibilidade do artista. Visitou Londres e Veneza, Marrocos e Paris, mas foi a sua deambulação africana em 1906 que melhor traduz o seu olhar singular. A bordo do vapor *Lusitânia*, o açoriano visitou Moçambique, África do Sul e Zanzibar numa viagem cujas imagens nos ajudam a construir um olhar atento sobre esses destinos pouco frequentados pelos viajantes nacionais. Fazendo da estereoscopia a sua técnica principal, o seu trabalho fotográfico do Continente Negro é de uma qualidade inusitada como denota o espólio depositado no Museu Carlos Machado em Ponta Delgada, Açores, instituição que ajudou a formar. Assente numa rara interação e até fusão entre arte e ciência, e combinando a curiosidade do cientista com a sensibilidade do fotógrafo, o registo sistemático da paisagem, dos costumes e tradições torna-o um caso único na sua geração. Detentor de uma metódica construção conceptual e formal, Chaves explora formas inovadoras de perceção e imersão visual, como plasmam as imagens do périplo africano expressando uma errância e um testemunho da sua paixão de conhecimento do mundo que complementa com diários de viagem que ajudam a perceber melhor a sua mundividência completando um olhar cruzado entre escrita e imagem, fruição e erudição.

⁶ Para uma elencação mais completa ver Miguel Ribeiro Pedras. *Viajar com os Reis de Portugal*. A Esfera dos Livros: Lisboa, 2020; António Ferreira Basto. *Viagens por Terra com El-Rei D. Carlos*. Lisboa: Chaves Ferreira Publicações, 1997; Filipa Lowndes Vicente. *Viagens e Exposições. D. Pedro V na Europa do Século XIX*. Lisboa: Gótica, 2003.



Imagem 2 - Zanzibar, 1906, Francisco Afonso Chaves (Arquivo) CAC2218



Fonte: Coleção Museu Carlos Machado, Ponta Delgada, Açores.

Há a assinalar igualmente a figura de Adolfo Ferreira de Loureiro (1836-1911), militar, engenheiro, escritor, poeta e político português que, em 1883, foi em Comissão à Índia Britânica, Ceilão, Singapura, China e Macau tendo resultado os dois volumes *No Oriente, de Nápoles à China*, publicados por ocasião da Exposição do Centenário da Índia, em 1898. O seu relato do (Extremo-)Oriente constitui um documento raro onde desenvolve interessantes apontamentos acerca da cultura e sociedade de cada um dos destinos percorridos. O testemunho deste general condensa um olhar transversal ao mundo de finais de Oitocentos que vai muito para além do mero boletim militar, uma vez que o escrito revela não só informações de matriz profissional mas especialmente opiniões de âmbito sociocultural de viajante atento e desperto.

Escritores

Mas seria no registo literário que a cultura viática portuguesa durante a *Belle Époque* concentraria um fulgor de maior pujança. É que, no dealbar do século XX, os testemunhos literários de alguns escritores portugueses constituem um *corpus* de referência do olhar nacional sobre o "outro" sobretudo no espaço extraeuropeu. É o caso de Ramalho Ortigão (1836-1915) nas suas obras *A Hollanda* de 1885 (onde a par da pintura de paisagens e ambientes exteriores ressalta notações estéticas de uma viagem interior), *Pela Terra Alheia* onde relata além das suas jornadas pela Europa, a sua viagem transatlântica a terras da Argentina e do Brasil (1887), onde se encontrava seu irmão.⁷

⁷ Ver Jorge Alves, *O Brasil sob o Olhar Europeu de Ramalho Ortigão*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2022. Em linha: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/42766/1/O%20Brasil%20sob%20o%20olhar%20europeu.pdf>



Uma outra figura literária e viandante, comparsa de Ramalho Ortigão foi Eça de Queirós (1845-1900). A sua viagem ao Cairo em 1869 por ocasião da inauguração do canal do Suez resultou numa das suas mais interessantes narrativas, crítica e lúcida sobre o conflito entre a herança cultural e as tensões políticas, económicas e coloniais que se colocavam ao moderno Egipto. Publicadas na coluna "Folhetins" do *Diário de Notícias*, as suas crónicas (postumamente compiladas no livro *O Egipto. Notas de Viagem*) narram o seu desembarque em Alexandria, o trajeto até Port Said e ao Suez tomando depois a direção da Síria e Palestina. Nestes apontamentos chega mesmo a registar, com algum detalhe, locais por onde não passou, mas que 'visitou' graças às obras de alguns dos mais famosos visitantes do Oriente da época, como Maxime du Camp, Gérard de Nerval, Edmond About ou Théophile Gautier, o último dos quais encontraria no Sheppard's Hotel, no Cairo. Eça foi herdeiro de um filão de literatura de viagens que entretanto lera e o inspirara tendo a consciência estar a percorrer um caminho literário já trilhado por outros mas imprescindível a quem queria estar na frente da modernidade. Anotando as suas impressões em cadernos de bolso, Eça relata os passeios no Cairo, o porto de Alexandria, as viagens de comboio e de barco cujos detalhes lhe serviriam, *à posteriori*, compor e enriquecer a vida das personagens como Teodorico Raposo (em *A Relíquia*) e Fradique Mendes. Terá sido durante esta deambulação pelo Médio Oriente que Eça de Queirós ganhou o gosto pela diplomacia que haveria de levá-lo, mais tarde, à América, nomeadamente nas Antilhas Espanholas (hoje Cuba), onde foi cônsul em 1872. Durante a sua permanência em Havana aproveitou para visitar os Estados Unidos e o Canadá sendo depois transferido para Paris; anteriormente havia vivido em Inglaterra. Foram com toda a certeza as viagens que conferiram a Eça de Queirós o seu humanismo e olhar perspicaz e assertivo à sociedade portuguesa que o tornaram numa figura de proa da literatura portuguesa dos princípios de Novecentos.

Na senda da viagem de Eça ao Egipto, em 1876, Ricardo Guimarães (1830-1889) haveria de publicar *De Lisboa ao Cairo. Scenas de Viagem*.⁸ São da sua lavra ainda *Impressões de viagem: Cadiz, Gibraltar, Paris e Londres* (1869), *Vienna e a Exposição* (1873) e *Na Itália* (1876) mas é o texto *De Lisboa ao Cairo* o mais incomum uma vez que nele não há uma mitificação do Oriente mas uma descrição pouco idílica e uma necessidade de mudança civilizacional muito comum ao discurso de índole colonialista.

O escritor Jaime de Magalhães Lima (1859-1936) viajou pelo norte da Europa e África numa deambulação registada e publicada em 1880, *Cidades e Paizagens*. Nela, o autor reflete sobre os motivos que podem levar um indivíduo a viajar estabelecendo tipos de viagem numa classificação fundadora.

Joaquim Pedro de Oliveira Martins (1845-1894) foi outro viajante invulgar não pelos destinos percorridos mas pela forma como traduz o pensamento do país visitado. Historiador, político e cientista, Oliveira Martins foi uma figura-chave da historiografia portuguesa contemporânea com uma elevada plasticidade às múltiplas correntes de ideias que atravessaram o século e é essa a sua mais-valia nos escritos viandantes que deixou. Publicado em 1905, o seu escrito *A Inglaterra de hoje. Cartas de um viajante dá-*

⁸ Em resultado da sua nomeação como cônsul em Macau em 1868, Ricardo Guimarães partiu para o Oriente mas desistiu a meio da viagem por motivos de saúde tendo regressado a casa. Para além das narrativas de viagem ao estrangeiro, Ricardo Guimarães seria também um entusiasta das viagens no seu próprio país, tendo registado essas impressões em muitos folhetins que foram, posteriormente, coligidos para volume *Leituras do Verão* (1883).



nos conta das impressões recolhidas sobre as paisagens britânicas refletindo sobre questões civilizacionais, culturais e económico-políticas, numa abordagem temática transversal e profundamente agregadora, característica rara às crónicas de viagem da época.

No âmbito feminino, rareiam as escritoras viajantes, muito por força da sociedade conservadora e tradicional de então a não dar espaço às mulheres para terem uma carreira própria, acusando as poucas que o intentaram de moral duvidosa. Daí a singularidade de Guiomar Torrezão (1844-1898), jornalista e autora de *A Grande Velocidade (Notas de Gare)*, um escrito publicado anos depois da viagem efetiva à capital espanhola,⁹ pelo que abarca uma dimensão ficcionada de uma Espanha lendária, romanticamente exótica e pitoresca. Essas imagens estereotipadas não passam de uma sùmula de outras descrições vivazes fixadas por anteriores viajantes, conforme Guiomar Torrezão escreve com os olhos postos nesses livros, como é o caso da descrição da mulher madrilena a lembrar ostensivamente a descrição que Ramalho Ortigão tinha feito das espanholas, alguns anos antes (Ortigão, 1949).¹⁰ De facto, o desenvolvimento industrial, o crescimento das cidades, a explosão demográfica e a rapidez dos transportes diluiria muitas das tradições e da etnografia que os românticos tanto apreciavam. Por outras palavras: a viagem deixara de ser uma aventura existencial que oferecia emoção e entusiasmo para se vulgarizar numa homogeneização contrária à que caracterizara a elite finissecular. Mais tarde, Torrezão apanharia o *Sud Express*¹¹ para a capital francesa, destino último cujos escritos serão publicados em 1888, sob o título *Paris, Impressões de viagem* e dedicado à condessa de Edla.¹² Aí conhece Alexandre Dumas Filho e Victor Hugo naquela que era a cidade-símbolo da *Belle Époque*. A cosmopolita e efervescente Paris entre guerras (a Franco-Prussiana e a Primeira Guerra Mundial) era o exemplo a seguir pelas congéneres europeias liderando as mudanças culturais e sociais, com um clima intelectual nos salões e teatros; e boêmio, nos bailes e cabarés. E foi nessa Paris pré Torre Eiffel que, em 1885, desembarcou Guiomar Torrezão.

Também Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921) merece ser mencionada. Escritora e colaboradora em diversos jornais (*Diário Popular*) e revistas (*A Ilustração Portuguesa*, *O Occidente*), a sua casa foi um dos primeiros salões literários lisboetas por onde passaram personagens como Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Camilo Castelo Branco e Guerra Junqueiro, entre outros. Em 1896 publica *Pelo Mundo Fora*, uma obra resultante de uma viagem a Paris que a sua educação – muito marcada pela cultura francesa – enalteceu. Isso traduziu-se no facto da viandante se deixar guiar por uma biblioteca mental de artistas que transformou este escrito numa obra de crítica literária anunciada como um livro de viagens. Como refere Maria Amália, “a França, a que minha alma aspirava (...) era a França que desde Jean Goujon até Rodin, e desde o Poussin até Puvis de Chavannes, e desde Froissart até Michelet, e desde Mme. Laffayette até Georges Sand, e desde Balzac até Zola, e desde Pascal até Renan (...) e desde Ronsard até Victor Hugo, e desde Marot até Verlaine, e desde a grande renascença do século XVI até ao

⁹ Para fazer a cobertura do casamento da irmã do Rei de Espanha, Afonso XII, a infanta D. Paz, com o Príncipe D. Luís da Baviera, a 2 de Abril de 1883.

¹⁰ Ramalho Ortigão. *Pela Terra Alheia*. Quetzal: Lisboa, 1949, p. 120.

¹¹ O *Sud-Express* foi inaugurado em 1887, assegurando a ligação de Lisboa a Madrid e a Paris, e que se projetara inicialmente como ramo de uma grande linha transcontinental de Lisboa a S. Petersburgo nunca efetivada.

¹² https://books.google.pt/books?id=EG8_AQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false



magnífico movimento do romantismo, tem enchido o mundo da arte, e da poesia, e da realidade, e da ficção, de obras primas sem conta e sem medida!”¹³ Visita museus, atenta na paisagem, distinguindo-se o seu relato pela capacidade de viajar motivada apenas pelos seus próprios interesses, satisfazendo a própria curiosidade em conhecer e experienciar um país, uma cidade e uma cultura que tanto admira.

Imagem 3 - Maria Amália Vaz de Carvalho, 1911



Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.

Há ainda um conjunto lato de civis – burgueses, proprietários rurais, entre outros – que procuram viajar por motivos religiosos, em peregrinações que aliam cultura e devoção, como foi o caso de Pereira Pinto Balsemão. Em 1904, Balsemão publica *Notas de Viagem – Do Porto a Lourdes*, um relato onde se conta a viagem de peregrinação completada com algum excursionismo por várias cidades de Espanha como Salamanca, Valladolid, Burgos, San Sebastian e Biarritz, numa descrição que pretendia “ajudar os viajantes que se decidam por uma viagem cultural onde Lourdes é a etapa especial, motivação e álibi”.¹⁴

¹³ Maria Amália Carvalho. *Pelo Mundo Fora*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1896, p. 14. Em acesso aberto: https://purl.pt/6306/6/l-41045-p_PDF/l-41045-p_PDF_24-C-R0150/l-41045-p_0000_capa1-cap4_t24-C-R0150.pdf

¹⁴ Sérgio Brito. *Notas Sobre a Evolução do Viajar e a Formação do Turismo*. Lisboa: Medialivros, 2003, p. 353.



Pintores

E é no universo pictórico que talvez se encontre o registo mais representativo de um modo de olhar o “outro”, olhar esse fruto das viagens dos artistas portugueses da *Belle Époque*. Com uma ascendência preliminar da literatura de viagens de pendor “orientalizante”,¹⁵ a pintura tornou visíveis as paisagens narradas pelos escritores ajudando a formular um ideário no público das metrópoles que o levou a querer viajar para esses destinos do império. Artistas como David Roberts (1796-1864) ou Eugène Delacroix (1798-1863) e foram mesmo mais longe e não se limitaram a pintar um império imaginado mas deslocaram-se até ele para melhor o representarem. Ora essa moda de cariz orientalizante foi largamente mostrada nas grandes exposições universais, mundiais, internacionais e coloniais, iniciadas em 1851 em Inglaterra e logo repetidas em Paris nos anos subsequentes. E foi nelas que o grande público cidadão viu, pela primeira vez, esse Oriente remoto que foi depois estendido ao *Salon* e às galerias de arte privada numa confluência temática que viria a ser o motor para as vanguardas europeias.¹⁶

No contexto português, o cenário foi um pouco distinto e teve as suas particularidades pois foi do meio académico das Belas Artes¹⁷ que saíram os primeiros estudantes bolseiros para pintar o estrangeiro do final de século. Com o intuito de alargar horizontes e apurar técnicas – principalmente em Paris – estes jovens pintores produzirão um conjunto de obras que darão a conhecer territórios senão ultramarinos pelo menos algumas das geografias além-fronteiras.

Em 1879, a poucos meses da inauguração solene dos trabalhos para a abertura da Avenida da Liberdade e a conseqüente demolição do Passeio Público – símbolo do romantismo e prenúncio de uma viragem estrutural – regressavam a Portugal dois dos primeiros pensionistas de Belas: Marques de Oliveira (1853-1927)¹⁸ e Silva Porto¹⁹ (1859-1893), este último a fundar o *Grupo do Leão*²⁰, núcleo à volta do qual se agregaria a primeira e a segunda geração de naturalistas nacionais. Nesse mesmo ano, parte para Paris o bolseiro Artur Loureiro (1853-1932) artista que foi mais além no itinerário viandante, partindo em 1884 para a Austrália onde viveu vários anos até regressar ao Porto, sua terra natal. Constituindo um exemplo único da arte e da viagem entre Portugal e os antípodas, Artur Loureiro construiu um percurso de pintor-viajante que gravitou entre a Europa e a Oceânia, mais precisamente Melbourne onde viveu anos até regressar ao Porto, sua terra-natal. De matriz naturalista mas permeável a distintas influências criativas (nomeadamente o Simbolismo), a sua obra reflete a história global, a cultura visual e as itinerâncias que pontuaram uma existência singular.

¹⁵ Integrando obras de autores como Chateaubriand, Lamartine, Nerval ou o precursor de todos eles, Victor Hugo com *Les Orientales*.

¹⁶ É o caso de pintores como Paul Gauguin (no Taiti) ou de Henri Matisse (em Marrocos), artistas que se deslocaram às colónias do império – neste caso francês – para melhor as pintar.

¹⁷ A Academia de Belas Artes em Lisboa e a Academia Portuguesa de Belas Artes foram criadas em 1836.

¹⁸ Viveu em França como pensionista entre 1873 e 1879 e viajou com Silva Porto pela Bélgica, Países Baixos, Inglaterra e Itália. Participou nos *Salons* de Paris de 1876 e 1878.

¹⁹ Estudou na capital francesa entre 1876 e 1877, tendo viajado pelos países limítrofes, como Itália em 1879.

²⁰ Grupo espontaneamente construído em torno de uma mesa de uma cervejaria da Baixa, uma associação livre de artistas que se reuniam para discutir, confraternizar e promover exposições.



Porém, talvez o artista viajante mais inovador no modo como absorveu o estrangeiro tenha sido o jovem Henrique Pousão (1859-1894). A sua brevíssima carreira não impediu que fosse considerado o mais radical da sua geração. Bolseiro em Paris (1881), cidade que trocou depois (1883) por Roma, Nápoles, Capri e Anacapri onde se instala, os seus quadros de viagem definem uma visão pictural muito pessoal onde sobressai uma ousadia do tratamento plástico da paisagem/figura que não teve seguidores. Se as suas “impressões” de viagem não passaram despercebidas à Academia de então, a modernidade da sua obra assenta numa estética própria sem preocupações ilustrativas ou narrativas, antes profundamente abstratas, mostrando o quanto se encontrava à frente do seu tempo. Por entre o seu roteiro do pintor-viajante, a obra de Henrique Pousão condensa um entendimento da pintura que se autonomiza como puro valor lumínico, via de acesso à contemporaneidade de uma obra feita de pinceladas que se tornam numa impressão de viagem não só efetiva mas, acima de tudo, interior.

Imagem 4 - *Fachada de casa soterrada*, Henrique Pousão, Roma, 1882.



Fonte: Museu Nacional Soares dos Reis, Porto.

Ainda ligado à primeira geração de naturalistas portugueses convém enunciar o nome de José Júlio de Sousa Pinto (1856-1939) colega de Henrique Pousão em Paris e que se integrou de tal maneira na vida artística parisiense que aí desenvolveu uma carreira sólida, permeada com frequentes visitas a Portugal.

A segunda geração de naturalistas portugueses – composta por artistas como José Malhoa (1855-1933), Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905)²¹ e seu irmão Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929)²² bem como por Veloso Salgado²³ (1864-1945) – viajou de forma intermitente pelo estrangeiro tendo sido poucos os que passaram para os seus quadros as paisagens além-fronteira circunscritas ao eixo europeu França-Itália. Não foi

²¹ Visitou Espanha (1873), Rio de Janeiro (onde viveu de 1875 até 1879), Paris (1889 por ocasião da participação na Exposição Universal cujo pavilhão português é por si decorado) e novamente Brasil (em 1899).

²² Viajou regularmente para Paris.

²³ Nascido na Galiza, Salgado foi bolseiro em Paris, local a partir do qual viajou pela Bretanha e Itália. Em 1898 venceu o concurso das comemorações do Centenário do descobrimento da Índia com o quadro histórico Vasco da Gama perante o Samorim, centrando-se numa pintura histórica herdeira das paisagens naturalistas estrangeiras que conheceu.



o caso de Adriano de Sousa Lopes (1879-1944) que haveria de ir um pouco mais além visitando o norte de África.

Também Aurélia de Sousa (1866-1922) ocupa um lugar próprio na viagem ao estrangeiro da *Belle Époque*. Nascida no Chile e crescida no Porto, frequenta a Academia Portuense e depois a Julian, de Paris, onde passa a residir a partir de 1898. Viaja pela Europa apreendendo as coleções expostas nos principais museus de Bruxelas, Antuérpia, Berlim, Roma, Florença, Veneza, Madrid e Sevilha e que depois a inspirarão a criar uma obra invulgar.

Quanto ao seu conterrâneo Raul Maria Pereira (1877-1933), também aluno da Academia Portuense, foi bolsheiro em Roma (1903), local a partir do qual aproveitou para viajar pelos centros artísticos de Itália e da Grécia e de cidades como Viena, Budapeste, Istambul, Munique, Paris e Madrid. Levado pela sua ânsia de viajar e de conhecer novas paisagens, Raúl Maria Pereira atravessou o Atlântico e foi instalar-se na República do Equador (1908) e em 1917-18 transferiu-se para o Perú aí desenvolvendo um percurso internacional incomum à época.

Imagem 5 - Damas da *Belle Époque* na Praia das Maças com o hotel Royal Bellevue em fundo, 1913.



Fonte: A.N.T.T., Col. *O Século*, Benoliel, lote 8, cx. 1.

Considerações finais

Desde a *Época Moderna*, Portugal foi um país cujo imperativo da Viagem se enraizou num ideário e numa prática reiterada ao longo das centúrias seguintes e de que a *Expansão Portuguesa* foi o marco basilar. Porém, com as vicissitudes dos (desa-)acertos da história portuguesa no início de Oitocentos, e já dentro da configuração contemporânea, esta vocação viandante enfraqueceu e diluiu-se numa vivência confinada a intramuros. E este indicador faz perceber que o desenvolvimento das práticas turísticas está intimamente ligado ao processo de construção das identidades nacionais. Numa análise sinóptica veja-se: a monarquia vivia tempos conturbados e a República, quando proclamada, preocupou-se em subsistir nas agitadas águas de um país



circunscrito ao território metropolitano. Daí que a da *Belle Époque* portuguesa não tenha correspondido a uma verdadeira “Época Dourada”, pelo menos no que à viagem diz respeito: o estrangeiro ficava longe e os meios (físicos, monetários, culturais) para a concretização da viagem ociosa escasseavam num país que se situava na ponta de uma Europa a desenvolver-se a várias velocidades. Os poucos a saírem, preferiram um estrangeiro moderno e próximo – eurocêntrico (Paris, principalmente) – sendo que só um punhado se aventurou a ir mais longe experimentando o exótico (África, Médio Oriente, Ásia) em consonância com a política hegemónica de legitimação dos territórios imperiais europeus. Para os portugueses de final de Oitocentos, a miragem oriental – essa espécie de antídoto à monotonia de uma sociedade cada vez mais industrializada e uniforme bem como a procura de autenticidade e pureza (“Bom Selvagem”) que decorre da não contaminação pelos vícios do Homem europeu, burguês e urbano – encontrava-se a anos-luz da realidade nacional que, isolada, se escapava para uma literatura de viagens a devolver-lhe parte do “Élan” da deslocação efetiva. Deste modo, e numa época charneira, os registos deixados resultam de um itinerário externo a traduzir percursos singulares e solitários numa prática pouco incentivada presa ao tardar do país em acompanhar o progresso tecnológico e consequente abertura intelectual e de mentalidade. Daí que de entre as diferentes linguagens (escrita, pictórica, fotográfica) dos viajantes nacionais para o estrangeiro na passagem do século XIX para o XX, a que se evidenciou foi a da escrita e, no registo interno, a pictórica.

Cristalizando a reflexão proposta verifica-se que o apelo do exterior é distante, fragmentado, num Portugal anacrónico que resiste ao avanço da modernidade europeia como que suspenso num tempo fora da ribalta do progresso a granjear por grande parte das metrópoles do Velho Continente. Nele sobreviveram modos de vida e ofícios antigos preservando uma ruralidade pré-industrial de vocação e raiz campestre. Numa Europa então em completa mutação, os ecos e derivas da viagem em solo nacional ancoraram-se num provincianismo multissecular, característica que conferiu à *Belle Époque* portuguesa uma especificidade e um tom a ignorar os “ismos” do final de Oitocentos e início de Novecentos correspondentes às vanguardas europeias: impressionismo, fauvismo, cubismo, abstracionismo, futurismo, expressionismo. Nessa altura, e a fechar o grande final da *Belle Époque*, Portugal via surgir a obra pictórica de Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918) a distanciar-se das artes tradicionais para aderirem ao ritmo das vanguardas que a Primeira Guerra inviabilizaria, se bem que fossem precisos mais de 50 anos após a sua morte para se começar a reconhecer a grandeza dos seus trabalhos artísticos.

Em suma, nas suas múltiplas vertentes e especificidades, para os portugueses na *Belle Époque* fossem eles aristocratas, militares, escritores ou artistas, a viagem efetiva para o estrangeiro foi um acontecimento lateral ainda que provocador de uma escrita e de uma arte, entendidas aqui como um programa estético e plástico próprio. Os poucos que se aventuraram para lá da fronteira circunscreveram-se maioritariamente a uma Europa ocidental a ano-luz da realidade nacional tendo sido raríssimos os que ousaram ir mais além (Oriente, Extremo-Oriente, África, América). Em todo o caso, os relatos que deixaram – escritos e pictóricos – devolvem “o ar do tempo” não só dos espaços visitados, mas principalmente, e tal como a epígrafe deste texto enuncia, “se revelam a si próprios”.



Referências

- A.N.T.T. (1880-1910). Coleção *O Século*. Lisboa: Instituto de Arquivos Nacionais, Torre do Tombo.
- AAVV (1903). *Álbum Fotográfico da Viagem da Rainha D. Amélia ao Egipto*. Portugal. Em linha: https://purl.pt/28017/4/ea-558-v_PDF/ea-558-v_PDF_24-C-R0150/ea-558-v_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf
- Acciaiuoli, Margarida (coord.) (2012). *Arte & Viagem*. Lisboa: FCSH.
- Argan, Carlos (2002). *Arte Moderna*. Lisboa: Companhia das Letras.
- Augé, Marc (2008). *El viaje imposible*. España: Gedisa editorial.
- Brasil-Portugal, Revista quinzenal ilustrada*, Augusto de Castilho (dir.) (1903), 16.2.1903. Em linha: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/1903_1904/N98/N98_master/N98.pdf
- Brigola, João (2010). *Os viajantes e o 'livro dos museus'*. Évora: Dafne editora.
- Brilli, Attilio (2001). *Quand Voyager était un Art*. Paris: Gérard Monfort Éditeur.
- Brito, Sérgio (2003). *Notas Sobre a Evolução do Viajar e a Formação do Turismo*. Lisboa: Medialivros.
- Cabete, Susana (2010). *A Narrativa de Viagem em Portugal no Século XIX: alteridade e identidade nacional*. Paris: Université de la Sorbonne Nouvelle.
- Carvalho, Maria Amália Vaz de Carvalho (1896). *Pelo Mundo Fora*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
- Clair, Jean (1989). *Le voyageur égoïste*. Paris: Éditions Payot & Rivages.
- Clair, Jean (1997). *La Responsabilité de l'Artiste*. Paris: Gallimard.
- CNCCR (2010). *Viajar. Viajantes e Turistas à Descoberta de Portugal no Tempo da I República*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.
- Foster, Hal (dir.) (2011). *Art Since 1900*. London: Thames & Hudson.
- França, José-Augusto (1987). *História da Arte Ocidental 1780-1980*. Lisboa: Livros Horizonte.
- França, José-Augusto (1990). *A Arte em Portugal no Século XIX*. 2 vol. Lisboa: Bertrand.
- Jarrassé, Dominique (dir.) (2021). *Les Arts Coloniaux*. Paris: Éditions Esthétiques du Divers.
- Ligner, Sarah (com.) (2018). *Peintures des Lointains. La collection du musée du quai Branly Jacques Chirac*. Paris: Skira.
- Lipovetsky, Gilles (2014). *A Cultura-Mundo*. Lisboa: Edições 70.
- Lisboa, Maria Helena (2007). *As Academias e Escolas de Belas Artes e o Ensino Artístico (1836-1910)*. Lisboa: Colibri.
- Loureiro, Adolfo (1896). *No Oriente: de Nápoles à China, Diário de Viagem*. Lisboa: Imprensa Nacional. Em linha:



[https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/12829628/Abordagem Geocritica d AGrande Velocidade Notas de Gare de Guiomar Torrez o 1898 .pdf](https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/12829628/Abordagem_Geocritica_d_AGrande_Velocidade_Notas_de_Gare_de_Guiomar_Torrez_o_1898_.pdf)

Magalhães, Paula (2014). *Belle Époque. A Lisboa de finais do século XIX e início do séc. XX*. Lisboa: e esfera dos livros.

Mangorrinha, Jorge (org.) (2012). *História de uma Viagem. 100 Anos de Turismo em Portugal*. 2 vol. Lisboa: Centenário do Turismo em Portugal.

Matos, Patrícia (2006). *The colours of the Empire*. USA: Berghahn.

Mattoso (dir.) (2011). *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa: Temas e Debates.

Minc, Alain (2010). *Une histoire politique des intellectuels*. Paris: Grasset.

O Occidente, Revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro, Francisco António das Mercês (dir.) (1903), 28.2.1903. Em linha: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1903/N870/N870_master/N870.pdf

Onfray, Michel (2009). *Teoria da Viagem. Uma Poética da Geografia*. Lisboa: Quetzal.

Ortigão, Ramalho (1942). "Turismo em Portugal no Século XIX" in *Revista Panorama*, N.º 7, Vol. 2. Lisboa: SPN.

Ortigão, Ramalho (2020). *Pela Terra Alheia. Notas de Viagem*. Lisboa: Terra Incógnita.

Peltre, Christine (2003). *Dictionnaire culturel de l'Orientalisme*. Paris: Éditions Hazan.

Queiroz, Eça (2001). *O Egípto. Notas de Viagem*. Lisboa: Livros do Brasil.

Reis, Margarida (2009). *Textos e Pretextos. A Viagem*. Torres Vedras: Livrododia Editores.

Reis, Victor; Tavares, Emília (2016). *A Imagem Paradoxal. Francisco Afonso Chaves (1857-1926)*. Lisboa: MNAC.

Rovelli, Carlo (2018). *A Ordem do Tempo*. Lisboa: Objectiva.

Said, Edward (2004). *Orientalismo. Representações ocidentais do Oriente*. Lisboa: Cotovia.

Sarmiento, Clara (2011). *Diálogos interculturais: Os Novos Rumos da Viagem*. Lisboa: Vida Económica.

Serrano, Sónia (2014). *Mulheres Viajantes*. Lisboa: Tinta da China.

Smith, Valene (1989). *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Steiner, George (2001). *Gramáticas da Criação*. Lisboa: Relógio D'Água.

Torrezão, Guiomar (1898). *A toda a velocidade. Notas de gare*. Porto: Livraria Portuense.

Urbain, Jean-Didier (2002). *L'idiote du voyage. Histoires de touristes*. Paris: Librairie Payot & Rivages.

Vilela, Ana (2011). *Imagens do Estrangeiro e Auto-Imagem na Obra de Ramalho Ortigão*. Évora: CEL.